

O MAR DE MEMÓRIAS NA POESIA DE AGOSTINHO NETO

Lidiane Moreira e SILVA
Universidade Estadual Paulista – FCL, Assis/SP
lidiane_unesp@yahoo.com.br

Resumo: A violência decorrente da colonização portuguesa por meio da escravidão, do trabalho por contrato e da imposição cultural, ocasionou a coibição identitária e foi um dos motivos da mescla de culturas das nações africanas, fortalecendo a reflexão a respeito de suas origens. Na história africana, o mar, local de transição, de chegadas e partidas, existe como ponto de intersecção com o colonizador e, assim, como local de memória e história para a construção da identidade nacional. Diante disso, o colonizado constitui-se um cidadão híbrido, abrangendo em sua trajetória aspectos culturais que, por vezes, rompem com as tradições africanas. É preciso refazer o caminho para compreender e dar continuidade à história dos africanos sem o peso das violências experimentadas ao longo do período colonial e emitir na linguagem a memória calada, para que se registrem os traumas e sejam superados. A literatura como meio de comunicação pode ser ilustre representante dessa voz sufocada por séculos. Assim sendo, autores africanos discorrem sobre as diversas experiências advindas da colonização e das guerras; lançam olhar para o mar, como ação imprescindível no rememorar da história nacional. A independência de Angola, ocorrida em 1975, levou à presidência da república António Agostinho Neto (1922-1979), médico e poeta angolano que liderou o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). A partir do estudo realizado sobre sua obra *Sagrada Esperança* (1974), objetiva-se dar enfoque ao mar nesta comunicação e, por meio dele, à perspectiva do coletivo sobre sua identidade nacional; haja vista que embora tenha sido escrita na língua do colonizador, a literatura pode ser um veículo para o encontro com as raízes africanas, uma ferramenta na guerra contra a colonização e uma peça importante para a construção e compreensão do processo constituinte dessa identidade. Ao longo da pesquisa sobre as poesias de Agostinho notou-se que seu trabalho evidencia as emoções do africano colonizado por Portugal, fomentando as ideias de luta pela libertação e reafirmação da africanidade, percorrendo o passado escravizado, a luta cotidiana do continente por uma existência digna e apontando o mar como paisagem significativa para aquele povo.

Palavras-chave: Agostinho Neto; Identidade nacional; Mar; Memória; Africanos.

1. O espaço como cúmplice da história

[...] por se constituir na via líquida por onde singraram as caravelas chegando aos mais distantes portos, ele se tornou símbolo do alargamento dos domínios portugueses, criando o fenômeno crucial do “ser português”: o Império. Sob essa perspectiva, pode-se mesmo dizer que as águas salgadas foram o ponto privilegiado de onde a nação mirou-se ao voltar seu olhar ao Outro, engendrando, a partir da espessa camada de representações elaboradas sobre os povos dos portos, uma imagem de si própria. (MACÊDO, 1999, P. 49)

Assim como a ligação com o místico é relevante ao estudo das construções de identidades nacionais, a relação com o espaço físico também exerce papel fundamental. A natureza é inserida como cenário ou ainda como cúmplice de fatos históricos ou pessoais na literatura. Muitos autores utilizam elementos da natureza como forma de dialogar com o universo íntimo e com o mundo exterior. Na poesia, por haver uma linguagem mais sintética, é comum que seu apontamento seja revestido de maior simbologia, portanto, faz-se necessário recorrer a materiais diversos para que se elabore uma interpretação acerca de tais elementos.

O mar, elemento da natureza que por muitos anos foi principal forma de deslocamento entre os continentes, é instrumento participante no processo de constituição do eu coletivo em algumas culturas. Partindo do significado simbólico de água, dissolve-se gradualmente a concepção das águas marítimas. A água simbolizando o surgimento da vida, do nascimento ou renascimento, reporta às origens e o mar, muito relacionado a lendas e mitos, é “Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos.” (CHEVALIER, GHEERBRANT, p. 592, 1994). Pelo dicionário de língua portuguesa, o sentido figurado de mar é de abismo, remete à imensidão, lugar de lutas e dificuldades. Pelo senso comum pode-se dizer que seu movimento de vai e vem, marca a ideia de dinâmica e mistérios, de um elemento que leva e devolve histórias, que guarda e revela segredos; local de passagem onde tudo se modificará; uma fronteira entre o tradicional e o novo, entre Angola e Portugal. No passado, a economia de países europeus, por exemplo, era quase que exclusivamente dependente do mar. Fator importante para a economia e para a política de Portugal é através do mar que os portugueses se transportavam para terras desconhecidas com a finalidade de desbravar e enriquecer o povo português.

O conhecimento sobre a visão portuguesa a respeito do mar é revelado no estudo de sua história e, portanto, nos estudos das colonizações, principalmente no tocante à sua literatura, e neste caso à poesia, já que a obra de arte em muitos momentos torna-se porta-voz de um povo. O mesmo ocorre à compreensão das visões angolanas de mar, sabendo-se que seus conceitos a respeito também advém de sua história revestida de fatos negativos pela colonização. Exposto isso, entende-se que o mar recorrente nos poemas de *Sagrada Esperança* (1974) de Agostinho Neto, também conduz ao processo de refazer o caminho histórico e de reencontrar com a personalidade da nação angolana, tornando-se clara a visão do mar como arcabouço de memórias.

2. O mar de Agostinho

Nas culturas africanas, a natureza possui uma conotação peculiar. O culto a elementos ecológicos e a crença em seus poderes refletem um olhar frequentemente personificado para seus componentes. Portanto, o diálogo entre o homem africano e o mar articula-se de maneira diferenciada, seja em aspectos positivos ou negativos.

As significações adotadas pelos africanos, em especial, pelos angolanos, se confrontam com aquelas expostas no início deste texto. As acepções trazidas pelo dicionário de símbolos, sobre o mar como símbolo da “dinâmica da vida” foi, por um período, rejeitada pelos angolanos. Para eles, o mar significava a morte, visto que “o mar é [...] identificado aos navios e às desgraças da colonização, entre as quais avulta o tráfico negreiro e, portanto, é caracterizado como Inimigo” (MACÊDO, 1999, p. 51), portanto, foi determinante para a visão de Angola, no que concerne à sua própria identidade, ou flagelação da mesma por muitos anos devido à colonização.

Tania C. Macêdo coloca, em *Visões do Mar na Literatura Angolana Contemporânea* (1999), que houve um período “de negação das imagens e sons das caravelas até que, de

forma madura, paulatinamente foi possível reconhecer que o mar também forjou um dos veios da memória do passado [...]” (p. 50), indicando a necessidade de se tomar posse dele para que houvesse o mergulho na própria história e, por consequência, na identidade nacional. Seria necessário infiltrar-se no universo traumático que lhe trouxera a escravidão e o tolhimento de sua cultura, para que se fizesse a imposição da voz angolana frente aos colonizadores e o reconhecimento da identidade autônoma. O mar é o elemento da natureza que adquire uma intimidade violenta com o africano, sendo preciso promover o desvelamento para que se transforme em uma nova forma de relação com as águas salgadas.

No exercício de rechaçar a cultura do colonizador e reaver a sua identidade, a literatura exerce papel fundamental, pois estimula a luta contra o discurso e, conseqüentemente, contra o domínio daquele que por séculos se posicionou como superior ao negro. Na tentativa de explorar o universo que lhe causou danos históricos, a utilização do mar como cenário, cúmplice ou personagem na literatura reproduz o desconforto do africano ao encarar as agressões que os antepassados viveram e também visa estimular a revolta e o desejo de reencontro com seu eu nacional.

Agostinho Neto, como um dos grandes nomes que trabalhou pela independência de Angola e dos países africanos colonizados por Portugal, reflete em sua literatura este movimento de exposição das chagas africanas. Há em seus poemas a incessante busca de denunciar os sofrimentos causados pela colonização portuguesa e exaltar a identidade africana. O poeta emprega o mar como elemento significativo para a construção da identidade do povo angolano.

Para ilustrar a aplicação do mar nas poesias de Agostinho, foram selecionados para análise os poemas “Partida para o contrato”, “Confiança” e “Massacre em São Tomé”. De maneiras distintas, cada um deles traz em sua temática emoções pesadas com relação ao mar.

“Partida para o contrato” traz a tristeza pelo adeus aos entes queridos que partem pelo mar. A temática da despedida é apontada pelo poeta angolano, revelando em alguns poemas a angústia do adeus para viagens que se destinavam à escravidão ou ao trabalho de contrato. “Partida para o contrato” data de 1945 e é o mais antigo poema da obra.

PARTIDA PARA O CONTRATO

O rosto retrata a alma
Amarfanhada pelo sofrimento

Nesta hora de pranto
Vespertina e ensangüentada
Manuel
o seu amor
partiu para S. Tomé
para lá do mar

Até quando?

Além do horizonte repentinos
o sol e o barco
se afogam
no mar
escurecendo
o céu escurecendo a terra
e a alma da mulher

Não há luz
não há estrelas no céu escuro
Tudo na terra é sombra

Não há luz
não há norte na alma da mulher

Negrura
Só negrura...
(NETO, 1974, p. 37)

O poema aborda a temática do momento da partida por meio do mar, colocando em evidência o sofrimento causado pela dúvida sobre o regresso. O título remete à viagem para o trabalho de contrato que era uma espécie de trabalho semi-escravo, a que muitos colonizados eram submetidos por não haver muitos modos de sustento no período colonial. A estrutura do poema é composta por vinte e três versos livres, sem métrica e rima, distribuídos em um monóstico e seis estrofes de números distintos.

O poema inicia com uma estrofe introduzindo a expressão do sofrimento vivenciado em uma despedida. O rosto reflete os sentimentos de quem fica e de quem vai. Na segunda estrofe, o eu-lírico fala de um sujeito que vai embora e, possivelmente, deixa a mulher amada, deste modo, a poesia ganha aspecto lírico, embora se relate um momento socialmente problemático para o africano. A partida de Manuel, sujeito que vai embora, é para a ilha de São Tomé e o local de travessia é o mar, demarcando sua presença no momento de sofrimento. Entre esta segunda e a terceira estrofe há um verso monóstico que divide o poema com um questionamento “Até quando?”; a pergunta não é respondida no poema, mas encaixada de forma que nos leva a compreender que se trata da voz da mulher que fica à espera de Manuel. A resposta ao questionamento parece ser tragada pelo mar, como vemos pela sequência da estrofe seguinte.

Na terceira estrofe tem-se a imagem de uma praia, quando o eu-lírico fala de horizonte, sol e barco que se afogam no mar. O emprego do sol, elemento que indica luz, iluminação e calor, e do barco, objeto que indica transporte, local de movimento e que disponibiliza o deslocamento, formam a visão do que ocorre no coração da mulher, a sensação de que se está afogando com a despedida e que sua dúvida não será respondida. O eu-lírico ainda enfatiza a tristeza quando diz que está escurecendo o céu, a terra e a alma da mulher, aludindo à presença da noite e/ou escuridão e principalmente remete à cor negra e aos sentimentos tristes. Seguindo pela quarta, quinta e sexta estrofes a escuridão permanece, não há presença de luz, que remeteria à alegria, à sabedoria, ou ainda, ao conhecimento (“não há norte na alma da mulher”); há a presença da cor negra, que condensa o sentido de ser negro como aquele que sofre.

O poema se forma mesclando a voz do eu-lírico, que observa a cena da partida, com a voz da mulher e, ainda, pode se assemelhar ao movimento e à música do mar, quando faz uso de repetição de palavras e versos como “escurecendo/o céu escurecendo a terra”, “Não há luz” na quarta e na quinta estrofes e “Negrura/Só negrura”. Este movimento de repetições no poema também pode fortalecer a imagem da tristeza e dúvida que se espalham com a onda do mar, levando as certezas e a alegria.

O poema descreve um momento importante da constituição identitária dos africanos por meio da descrição do sentimento de uma mulher apaixonada que relata um sentimento coletivo experimentado por aqueles que passaram pela ocasião da partida. “Partida para o contrato” configura o mar como local de dor, incerteza e como a linha que divide o familiar e o estrangeiro.

Aquele que fica, e que é refletido no poema, mantém-se em dúvidas com relação ao futuro e vê o mar como local de ruptura, um porto que absorve aquilo que lhe é precioso. Para quem vai, o mar também adquire aspecto doloroso e dissolve todas as certezas com relação ao futuro. Por essa razão indica-se que o mar é uma fronteira para os africanos: o mar em comunicação com o africano transforma-o em um ser híbrido. Formado da mistura e das questões acerca de sua cultura. Esse processo de hibridização, para o angolano, constroi-se violentamente e, como vimos, confere ao mar o papel de elemento que traz agressões e traumas, portanto, é nítida sua colocação como um inimigo.

No poema “Confiança”, que será analisado a seguir, o poeta indica essa construção de identidade fundamentada a partir do entre-lugar e coloca o mar como responsável pelas rupturas advindas do hibridismo.

Confiança

O oceano separou-me de mim
enquanto me fui esquecendo nos séculos
e eis-me presente
reunindo em mim o espaço
condensando o tempo

Na minha história
Existe o paradoxo do homem disperso

Enquanto o sorriso brilhava
no canto de dor
e as mãos construía mundos maravilhosos

John foi linchado
o irmão chicoteado nas costas nuas
a mulher amordaçada
e o filho continuou ignorante

E do drama intenso
duma vida imensa e útil
resultou certeza

As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão.
(NETO, 1974, p. 67)

A estrutura do poema “Confiança” constitui-se de vinte versos divididos por seis estrofes sem rimas e sem métrica, portanto, versos livres. Há o encadeamento de versos por meio do *enjambement* ao longo de todo o poema e o eu-lírico se apresenta em primeira pessoa, entretanto, é possível interpretar como a voz de todo o povo, já que o poeta frequentemente escreve expressando a vida do povo africano. A forma livre do poema pode ser um esboço da constituição da identidade, que não segue um padrão, mas que está a ser questionada.

Registra-se na primeira estrofe esse sentimento de não-pertencimento. O eu-lírico apresenta o oceano como causador da separação de si: “O oceano separou-me de mim/enquanto me fui esquecendo nos séculos...”. A fala do eu-lírico expõe o sentimento de cisão com a identidade, comum ao povo africano já que, a partir do contato com a cultura europeia suas tradições são reprimidas, passando a um não-pertencimento. Deste modo, não

faz parte da primeira cultura (a de sua origem) e também não pertence à segunda (a estrangeira), está inserido no entre-lugar. Isto é, o mar, que no poema é chamado de oceano, é o *locus* da transição de culturas e transforma o colonizado em um ser híbrido, porque o coloca em contato com a cultura do colonizador. Para o angolano o mar é marcado por sofrimentos, por ser através dele que vieram os colonizadores, que partiram muitos africanos para escravidão, para o trabalho de contrato (sem ter previsão de retorno aos seus) e por ser ainda o local onde muitas mortes ocorreram nestes trajetos. Compreende-se, a partir dessas considerações, que o oceano é tomado pelo eu-lírico como a matéria que rompe com o conhecido e como local de limite entre o velho e novo.

A ideia de passado e presente, isto é, de *cronos* é traço marcante ao longo de todo o poema com termos como “séculos” (segundo verso), “presente” (terceiro verso), “tempo” (quinto verso) e história (sexto verso). Estando a maioria dos verbos no pretérito, é possível construir a ideia de uma narrativa poética. Na primeira estrofe lê-se ainda que o eu-lírico foi esquecendo-se de si mesmo nos séculos, isto é, ao longo da história foi perdendo sua identidade, acontecimento evidente ao povo africano colonizado devido ao contato com o europeu e, principalmente, à exploração do mesmo povo. Aponta ainda, que no presente está reunindo em si o espaço e condensando o tempo, indicando esse terceiro ser que resultou da fusão entre a cultura afro e a cultura europeia, o verbo “reunir” traz a ideia de unir de novo e junção: o que há no presente é a reunião de tempos distintos, ou seja, a mistura do que foi e do novo que o estrangeiro trouxe, por isso o “condensar” remetendo à fixação de tempos.

A ambiguidade em sua identidade é reforçada na segunda estrofe: “Na minha história/existe o paradoxo do homem disperso”. É a reafirmação da necessidade que se faz no presente de reunir o que há de si. A terceira estrofe apresenta novamente paradoxos por meio das palavras “sorrisos” e “dor”, representando a situação do negro que é explorado e trabalha para a construção da riqueza europeia. Na quarta estrofe a explanação dos sofrimentos do africano é apontada através dos relatos de violência:

John foi linchado
o irmão chicoteado nas costas nuas
a mulher amordaçada
e o filho continuou ignorante
(IDEM)

A voz do eu-lírico, também nesta estrofe se faz coletiva. John, nome inglês para um africano de país colonizado por Portugal, faz alusão à transposição cultural, reforçando a ideia de repressão e distanciamento da cultura original. A figura do chicote é representativa do sistema colonial que se utilizava deste meio para tornar o negro submisso, obediente e servil. A mulher amordaçada pode ser a representação da mulher sem voz na sociedade e também do próprio colonialismo que exerce a função de privação principalmente nas atividades culturais de raiz do colonizado. Por fim, o filho é a criança ou ainda o futuro que permanece ignorante de sua origem, de quem é no presente e é educado para o trabalho braçal.

O poema se encerra com as duas últimas estrofes afirmando que a partir do drama e da vida intensa de trabalho - “vida imensa e útil -, a certeza que permaneceu foi a da importância do negro para a constituição da sociedade como um todo, principalmente em suas riquezas, logo, ele possui o direito ao alimento: “mereço meu pedaço de pão”. Pão pode ser remeter ao alimento, à vida, à riqueza e sustento. O título do poema “Confiança” encerra a ideia desse direito, pois é a crença que se possui sobre os seus direitos, a esperança firme no futuro, a coragem proveniente da convicção do valor que se tem.

O poema constroi uma narrativa sobre o questionamento da identidade coletiva produzida por meio do contato com a cultura trazida pelo mar. Seu título e encerramento

parecem responder a este questionamento sobre o “eu” que é levantado no início e o eu-lírico inscreve o sujeito explorado como um produto da hibridização e do abuso do colonizador.

O terceiro poema escolhido para análise aborda uma tragédia que não ocorreu em Angola, refletindo a solidariedade de Agostinho ao africano não-angolano e apontando o caráter universal entre os povos africanos e a urgência para suas independências.

Massacre de S. Tomé

(Para a Ilustre Amiga Alda Graça)

Foi quando o Atlântico
pela força das horas
devolveu cadáveres
envolvidos em flores brancas de espuma
e do ódio incontido das feras
sobre sangues coagulados de morte

As praias se encheram de corvos e de chacais
em fomes animais de carnes esmagadas
na areia
da terra queimada pelo terror das idades
escravizadas em cadeias
na terra chamada verde
que as crianças ainda chamam verde de esperança

Foi quando no mar os corpos se embeberam
de vergonha e sal
nas águas ensangüentadas de desejos e fraquezas

Foi então que nos olhos em fogo
ora sangue ora vida ora morte
enterramos vitoriosamente os nossos mortos
e sobre as sepulturas
reconhecemos a razão do sacrifício dos homens
pelo amor
e pela harmonia
e pela nossa liberdade
mesmo ante a morte pela força das horas
nas águas ensangüentadas
mesmo nas pequenas derrotas acumuladas para a vitória

Em nós
a terra verde de São Tomé
será também a ilha do amor.

Fevereiro de 1953
(NETO, 1974, p. 90-91)

Rico em símbolos de morte, superação e esperança, “Massacre em S. Tomé” é um poema que se constroi como um canto de dor para recuperação das forças para a luta africana. Em sua estrutura possui trinta e um versos distribuídos em cinco estrofes, como nos poemas de Neto anteriormente analisados, sua estrutura é livre, não possuindo métrica ou rima. A

repetição de palavras como branco e negro pode ser considerada como a tentativa de apontar para o paradoxo da identidade do eu-lírico, representante do povo colonizado.

O poema remete a um massacre ocorrido em 1953 na ilha de São Tomé e Príncipe. A indicação de que o eu-lírico aborda tal fato está tanto no título do poema “Massacre de S. Tomé”, como no ano e mês em que foi escrito, além disso, logo no início há a dedicatória à poetisa e amiga do poeta, Alda Graça que era são-tomense.

Todo o poema é revestido por palavras que refletem dor, violência e morte, mas também por palavras de esperança, o que também é típico na poesia de Agostinho Neto, embora retrate com frequência os sofrimentos e a luta do povo africano. Observa-se, logo nos primeiros versos, o trágico e o sepulcral quando o eu-lírico relata que o mar devolveu os cadáveres “envolvidos em flores brancas de espumas”. As flores brancas normalmente são as usadas em velórios, entretanto, não houve um funeral, os mortos devolvidos pelo Atlântico não receberam uma celebração formal e com dignidade, por isso as flores são de espumas das águas do mar, podendo ser reflexo da resposta da natureza aos assassinatos dos africanos. Além das “flores brancas de espumas” os corpos estavam envolvidos pelo “ódio incontido das feras sobre sangues coagulados de morte”, evidenciando, portanto, a violência com que foram mortos. O sal e os possíveis espancamentos ocasionaram a coagulação do sangue e as “feras” seriam os assassinos que causaram as fraturas e levaram aqueles sujeitos à morte.

Na segunda estrofe o eu-lírico aponta símbolos de devastação como o corvo e o chacal, ambos são os animais que aparecem após uma grande matança, como ocorreu neste massacre. As praias estão cheias de corvos e chacais com fome e sede dos cadáveres que estão na areia, sendo possível também associar o corvo e o chacal aos portugueses, ou aos próprios assassinos se atentarmos ao fato de que o corvo é uma ave carnívora que é considerada benfeitora pelos portugueses e o chacal, também é um mamífero carnívoro, mas que em sentido figurado significa uma pessoa que explora os desgraçados, portanto um motivo que reforça a ideia de que os chacais nas praias são mais que animais à espera de alimento, mas os próprios exploradores ou assassinos.

Outra razão para crer neste símbolo, é a menção às “fomes animais de carnes esmagadas na areia”. Seria possível afirmar que se utilizou de pleonasma como forma de enfatizar a fome dos corvos e dos chacais, ou de fomentar a grande devastação, contudo, lançando olhar para a ideia do símbolo supracitado, “animalesco” é um adjetivo usado para denominar comportamento animal em um humano, neste caso, a fome, era pela ruína, pelo sangue e pela carne que foi esmagada, isto é, pelo corpo violentado.

Ainda na segunda estrofe menciona-se que os corpos estão na areia “[...] da terra queimada pelo terror das idades / escravizadas em cadeias”, sendo possível crer que o eu-lírico está fazendo referência aos períodos de escravidão vividos pelo continente africano. A terra chamada de “queimada pelo terror das idades”, é chamada posteriormente de “terra verde” pelo eu-lírico. A ideia do verde é comumente associada à esperança e o autor indica que de fato, trata-se da esperança ao dizer que as crianças a chamam “verde esperança”. As crianças, neste caso, seriam o símbolo não só da pureza, mas ainda do futuro, por isso elas nomeiam a terra queimada por um nome que remete ao positivo. A esperança é bastante reforçada neste e em muitos poemas de Agostinho e é também título da obra: “Sagrada Esperança”. Para o povo africano torna-se fundamental como alimento para a luta pela independência, pela busca do fim da exploração europeia.

Continuando a análise na terceira estrofe, o eu-lírico afirma que os corpos “se embeberam de vergonha e sal”, retomando a ideia do sangue que coagulou, visto que a coagulação do sangue ocorre em contato com o sal, neste caso, a coagulação foi produzida pelo sal das águas do mar. A vergonha possivelmente advém da humilhação que sofreram. As águas ensanguentadas de desejos e fraquezas refletem o paradoxo entre o forte e o fraco; o

desejo como combustível para a luta e a fraqueza decorrente da tortura física e dos rebaixamentos a que foram submetidos.

Na quarta estrofe o eu-lírico afirma que “nos olhos em fogo / ora sangue ora vida ora morte / enterramos vitoriosamente os nossos mortos”, sendo possível assimilar os olhos à memória, pois os mortos foram enterrados nos olhos, isto é, na visão, como se fossem guardados em um arquivo. O fogo possui muitos significados simbólicos, como o de purificação espiritual e entusiasmo. Os olhos em fogo podem aludir a olhos que purificam e olhos entusiasmados, o que se confirma em “enterramos vitoriosamente os nossos mortos”, pois embora tenham sido humilhados e torturados até a morte, não se pode considerá-los derrotados, como afirmado mais a frente:

reconhecemos a razão do sacrifício dos homens
pelo amor
e pela harmonia
e pela nossa liberdade
mesmo ante a morte pela força das horas
nas águas ensangüentadas derrotas acumuladas para a vitória
(IDEM)

Portanto, a morte não significa de fato a derrota, mas até certo ponto pode significar a vitória. Quando se diz: “ora sangue ora vida ora morte” observa-se que não há presença de vírgulas, assim como todo o poema não possui pontuação, apenas um ponto final. Neste caso, seria possível aludir a um tempo implacável expresso também ao iniciar o poema no segundo verso com os dizeres “pela força das horas” e na repetição do mesmo verso no final da quarta estrofe. A ideia de constância de movimento, de tempo que não cessa e que é cíclico está na ausência da pontuação e em “ora sangue ora vida ora morte”, associando ainda, “ora sangue” ao nascer e morrer, “ora vida” ao ciclo da existência e “ora morte” à luta e o fim dessa existência.

Na última estrofe, o eu-lírico encerra afirmando que para o povo daquela nação a “terra verde de São Tomé/será também a ilha do amor”, refletindo a ideia da esperança e da vida, mesmo com todas as desgraças que povoaram aquela lugar.

“Massacre em São Tomé” abriga dois pólos: colonizado e colonizador. Enfatiza a ideia da força desigual que esmaga o colonizado, apontando para a busca incessante de se reerguer mesmo diante da violência ocasionada por essa fusão de culturas. É interessante a indicação da resistência do colonizado, pois diferente do primeiro poema analisado, aqui o eu-lírico passa a se reconhecer enquanto sujeito, apesar da imposição da cultura europeia sobre a afro. Manuel Jorge (2006, p.2) afirma que:

a colonização portuguesa impunha um limite duplo a todos aqueles que pretendiam representar os valores locais: não somente a língua utilizada devia ser a do colonizador, mas também, e sobretudo, o pensamento expresso devia estar em sintonia com os princípios da colonização portuguesa.

A partir do olhar para si como sujeito, o africano persegue uma identidade e passa a refletir e agir como atuante em sua cultura: “O outro é um poeta que persegue uma missão poética: a de criar a consciência de sua raça” (HANCIAU, 2010, p. 125). No poema analisado, observamos que a função do mar como aquele que devolve ou expelle para a terra dos africanos a violência, pode ser indicativo tanto do desvelar a violência que ele engoliu, isto é, o colocar em exposição as feridas africanas, como pode configurar a própria tentativa de examinar os traumas causados para redescobrir sua identidade. Diante disso, recorda-se o

início deste trabalho, quando foi colocada a reflexão de Tânia C. Macedo acerca do processo de redescoberta da identidade angolana, que primeiramente nega o mar e, aos poucos, reconhece seu papel fundamental no ocultar e resgatar memórias.

As análises desses três poemas pretendem expor as diversas funções do mar na cultura angolana, mostrando que ele é o transporte para um universo de elementos que formam a identidade deste povo, envolvendo mitos e memórias. O poeta mostra, por meio de suas poesias, que o mar é como um cúmplice do diálogo entre o colonizador e o colonizado, é testemunha histórica das memórias dos povos africanos e, com isso, reafirma que no processo de construção identitária dos africanos é fundamental não esquecer dos momentos de opressão e violência. O rememorar dos fatos traumáticos não é um caminho fácil a ser percorrido, entretanto, sabendo ser imprescindível pôr vista aos espaços vazios e às fronteiras que trazem e levam pedaços de identidades, a literatura pode ser tomada como método que contribui nesse trajeto, assim como o fez Agostinho Neto em suas poesias.

BIBLIOGRAFIA

- BIRMINGHAM, David. *A Conquista Portuguesa de Angola*. Tradução de Altino Ribeiro e Sérgio Moutinho. Porto: A Regra do Jogo, 1965.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo, Coleção Ensaio, vol. 3, 2ª edição, Companhia Editora Nacional, 1967.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos – Mitos, sonhos, costumes gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro, 8ª edição, Ed. José Olympio, 1994.
- DAVIDSON, Basil. Prefácio. In: NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.
- GIORDANI, Curtis Giordani. *História da África: Anterior aos descobrimentos (Idade Moderna I)*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons, Ritmos*. 13ª ed. São Paulo: Série Princípios. Editora Ática, 2000.
- HANCIAU, Nubia J. *Entre-lugar*. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.), *Conceitos de Literatura e Cultura*. 2ª edição, Editora UFJF/EduFF, 2010.
- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- HOLNESS, Marga, Prefácio. In: NETO, Agostinho, *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.
- JORGE, Manuel. Nação, Identidade e Unidade em Angola: Conceitos, Preceitos e Preconceitos do Nacionalismo Angolano. In: *Latitudes*, Paris: n° 28, dezembro 2006. (p. 3-10)
- MACÊDO, Tania Celestino. *Visões do mar na literatura angolana contemporânea*. Revista *Via Atlântica*, n. 3, São Paulo, 1999.
- MACÊDO, Tania Celestino. Tradição Oral. In: SANTILLI, Maria Aparecida. *Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Angola*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- MARGARIDO, Alfredo, *Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Trad. Carlos Leite. Lisboa: A Regra do Jogo Edições Lda., 1980.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1998.
- NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.
- _____. *Sagrada Esperança*. Prefácio e Introdução traduzidos por J. Duarte Peixoto. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

OLIVEIRA, Jurema José de. *A poesia contemporânea nos países africanos de língua portuguesa*. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 27, 2009.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade: Contornos Literários*. São Paulo: Ática, 1985.

TUTIKIAN, Jane. Questões de identidade: a África de língua portuguesa. *Revista Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 37 – 46, 2006.